

## A gravura checoslovaca

Na Escola Nacional de Belas Artes se encontra em exposição uma coleção de gravuras da Checoslováquia; constituída de trabalhos calçados, em sua maior parte, num realismo frio, sem nenhum sinal de fronteira ou de realidade nacional, dá a impressão que não representa toda a atividade checa nesse setor das artes aplicadas.

Não há nessas gravuras a singularidade de uma temática popular, tão rica naquele país, que ela por si só constitui a atração dos filmes de marionetes de Trnca; nem a exuberância e a fantasia que a indústria vidreira da Boêmia conseguiu imprimir no gosto moderno, se fazem sentir nas linhas e formas dos gravadores do certame.

É verdade que outros temas são abordados, resultantes das modificações sociais e políticas por que passou o país nesses dez últimos anos: construções de pontes e barragens, interiores de fábricas e oficinas, acampamento de soldados, etc. Temas esses que são tratados sem grandes pesquisas de novos efeitos e mesmo poucos exibem uma composição construída de maneira original ou inventiva.

O realismo que na hora atual está se revelando um processo artístico “não estacionário”; possuindo dentro de suas qualidades intrínsecas de existência uma densidade lírica perdurável no tempo, tão variável e expressiva como se cada forma fosse iluminada por um fluido emotivo particular, o realismo, dizíamos, nem sempre tem sido bem compreendido pelos artistas que o cultivam.

Para comprovação do que digo, observem-se o naturalismo de Zola – recentemente revalorizado – o neo-realismo do cinema italiano de após-guerra, o realismo-social dos romancistas soviéticos e chineses (Poleivoi, Lu Hsun, etc.), possuidores de inegável conteúdo lírico, e o realismo da mais recente pintura soviética, mais árido, mais rígido que o que nos revelam as máquinas fotográficas.

Há, entretanto, na amostra em apreço, belas e finas gravuras, realizadas num senso de honestidade e artesanato, que não pertencem mais à atualidade, porém à expressão artística de todos os tempos: a gravura de Karel Gabriel, *Praga vista do parque Chotek, Visegrad*, de Viktor Vorlicek, e algumas outras demonstram um virtuosismo e um conhecimento do “metier” que não se pode deixar de reconhecer e apreciar. As composições que exploram o tema do trabalho, como as de Jaroslav Kovár, *Junto à construção, Visita ao ateliê e Minas de superfície*, as de J. C. Vondrous, *Construção da Barragem, e Klatovy*, e a gravura de Jarmila Cihánková da sua série *Nova Bratislava*, dão bem o clima das atividades modernas da Checoslováquia, numa documentação séria e precisa de onde poderão surgir, mais tarde, as linhas determinantes dessa épica do trabalho que se sente e está bem próxima dos homens do mundo socialista, muito embora estes não tenham ainda podido explicitá-las em termos positivos de uma obra estática. Figuram na exposição outros temas, ainda realistas, mas de outra classe, ou sub-classe, se definirmos, mais acertadamente, a totalidade dos temas realistas como uma classe: Jindrich Mahelka apresenta *Inverno em Zabocesky e Horta depois da chuva*; o rio Vitava serve de motivo para uma gravura de Miloslav Holy e para três outras de Karel Stika; temas animalísticos como *Ninho de Andorinhas, Cobra, Carneiro*, ou paisagísticos, como *Maio* de Václav Masek, *Manhã de Junho*, de Karel Vik, etc.

As obras expostas na Escola de Belas Artes dão assim a medida de um esforço para alcançar um destino menos frívolo e passageiro para as artes gráficas.